


UMA FARSA DE AMOR na Espanha

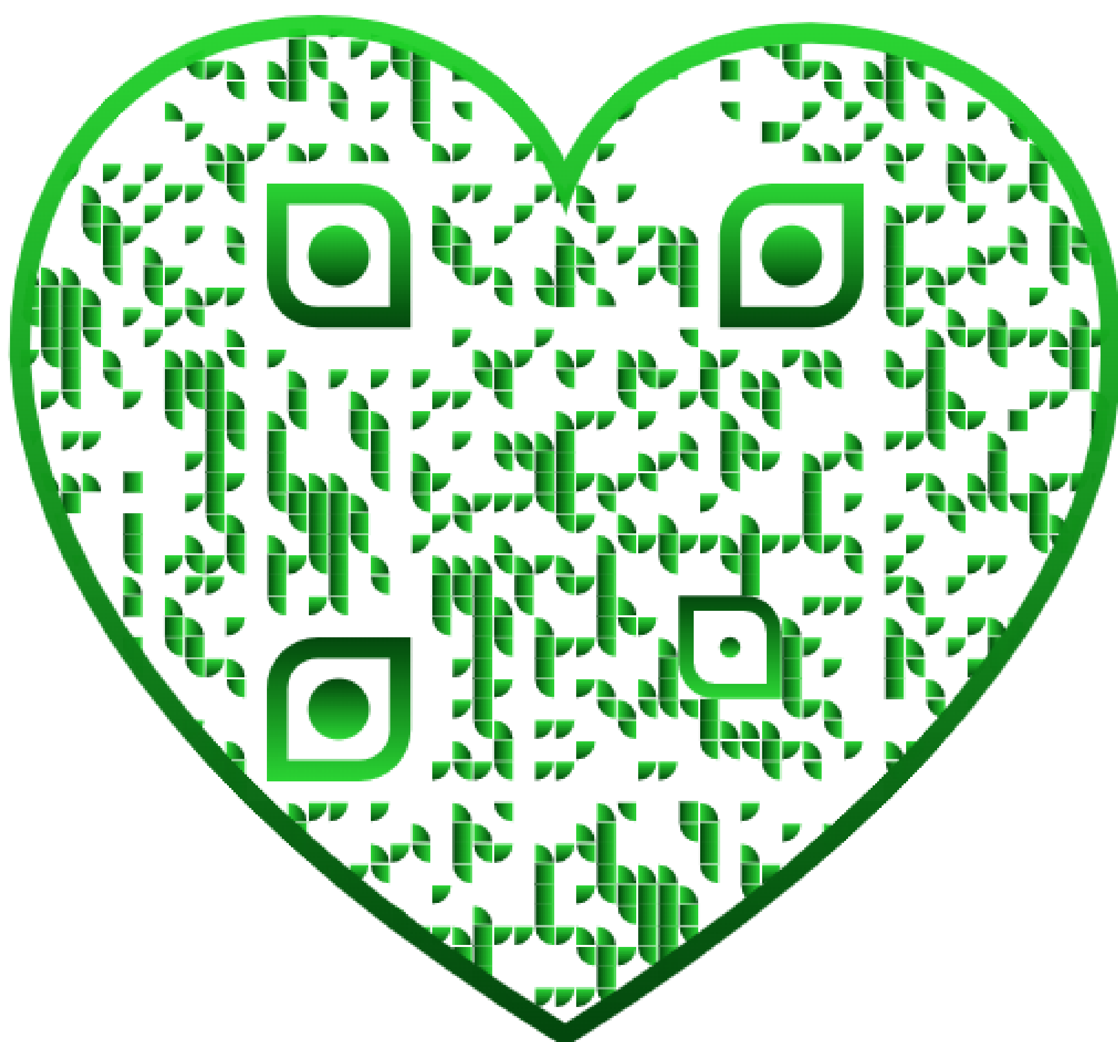



CONTEÚDO EXTRA



ELENA ARMAS







A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

UMA FARSA DE AMOR NA ESPANHA

- CONTEÚDO EXTRA -



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.











UMA FARSA DE AMOR *na Espanha*

CONTEÚDO EXTRA



ELENA ARMAS



Título original: *The Spanish Love Deception - Bonus content*

Copyright © 2022 por Elena Armas
Copyright da tradução © 2023 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Alessandra Esteche

preparo de originais: Marina Góes

revisão: Ana Sarah Maciel

diagramação e adaptação de capa: Gustavo Cardozo

capa: Elena Armas

imagem de capa: Ella Maise

foto da autora: Ella Maise

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A758f

Armas, Elena
Uma farsa de amor na Espanha [recurso eletrônico] / Elena Armas; tradução Alessandra Esteche. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2023.
recurso digital

"Conteúdo extra."
Tradução de: The Spanish love deception
Formato: ePub
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN: 978-65-5565-436-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção espanhola. 2. Livros eletrônicos. I. Esteche, Alessandra. II. Título.



CDD: 863
22-80529 CDU: 82-3(460)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br



UM

Sede da InTech, Manhattan, Nova York

– Eu vou como seu acompanhante no casamento.

As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse impedir. Aquilo não era do meu feitio. Quase nunca acontecia.

Vi os ombros dela ficarem tensos, seu pescoço e sua nuca se enrijecerem.

Ah, merda. Isso não fazia parte do plano. Não que existisse um. No que dizia respeito a Catalina, eu estava disposto a aceitar o que quer que ela oferecesse. Até agora, a oferta não era de amizade, nem mesmo de camaradagem no trabalho. Longe disso, mas tudo bem. Era o preço que eu tinha que pagar pela minha idiotice. Pela minha estupidez.

Mas, pelo jeito, eu também estava disposto a aceitar algo que ela nem sequer estava oferecendo.

Eu não tenho ninguém, Rosie. Ninguém.

Ouvir essas palavras, vindas dos lábios dela, foi ao mesmo tempo satisfatório e enlouquecedor. Como era possível que alguém como ela não tivesse ninguém? Como era possível que, durante os quase dois anos em que trabalhamos juntos, eu nunca tivesse visto algum cara indo buscá-la no escritório ou como acompanhante em eventos da empresa?

Uma mulher como Catalina não ter um acompanhante para um casamento parecia impossível. Mas ela precisava de alguém, desesperadamente, segundo disse, e uma parte primitiva em mim logo quis se rebelar e se envolver. Tirar o problema das mãos dela.

– Se você precisa tanto assim de alguém, eu vou – repeti olhando para sua nuca.

Meus Deus, o que eu estava fazendo?

– Rosie… – disse ela.

Embora eu não estivesse vendo seu rosto, conseguia imaginar cada um de seus traços. Os lábios carnudos entreabertos. Os lindos olhos castanhos arregalados. A pele macia corada.

– Ele está mesmo ali? Você está vendo ele? Ou alguém batizou meu café sem eu notar?

As coisas que saíam da boca daquela mulher ridícula e linda. Eu devia ter caído na gargalhada, mas me contive. Essa reação não fazia parte do jogo. Da nossa relação. De como agíamos na presença um do outro.

Rosie murmurou alguma coisa, então espiou ao redor e olhou diretamente para mim.

– Oi. Bom dia! – disse, e então, voltando a olhar para Catalina, acrescentou em voz baixa: – Bem atrás de você.

Esperei alguns segundos, mas Catalina não disse nada.

A paciência vinha sendo uma bênção e uma maldição naqueles dias. Dias que se tornaram os vinte meses mais longos da minha vida. Às vezes, eu desejava tanto qualquer interação com ela que arrumava um jeito de irritá-la, de fazer com que ela transparecesse no olhar aquela emoção borbulhante. E, ao mesmo tempo, ficava satisfeito simplesmente com a espera, dia após dia, semana após semana, mês após mês, me contentando com o que quer que fosse aquilo que havia entre nós. Era doloroso. Gratificante. Exaustivo.

– Eu preciso repetir uma terceira vez? – perguntei, secamente.

Silêncio. Mas eu conhecia aquela mulher melhor do que ela imaginava. Catalina era determinada e teimosa, mas também corajosa e direta. Sincera. Uma mulher que não levava desaforo para casa. Ainda mais um desaforo vindo de mim. O que me dava certa vantagem.

– Beleza, tudo bem – falei com um suspiro exageradamente barulhento.

Eu estava fazendo questão de irritá-la para garantir uma reação. *Vira, eu quero ver o seu rosto*.

– Eu posso ir com você – falei. E, depois de uma pausa: – Ao casamento da sua irmã.

O corpo dela ficou ainda mais tenso.

A bravata não funcionou, e por um instante eu quis voltar no tempo.

Catalina soltou uma risada meio bufada. Alta.

Arqueei as sobrancelhas.

– Qual é a graça?

Dessa vez ela realmente riu, ainda sem se virar, como se aquilo fosse uma piada. Um joguinho. E naquele momento eu soube. A resposta para minha pergunta.

Uma determinação que nunca senti antes se solidificou dentro de mim. Se instalou nas minhas entranhas. No meu peito. Cada instante desde o dia em que a conheci passou diante dos meus olhos. Quando acordei naquela manhã, não poderia ter imaginado aquilo, a mudança que tinha acabado de acontecer. Aquela convicção que tinha acabado de se acomodar, que agora era clara. Vinte meses tinham sido suficientes. Chega.

Eu estava me oferecendo para ir com ela ao casamento, e ela imediatamente presumiu que eu estava brincando. Fazendo piada.

Não. Eu não queria mais ser aquele homem aos olhos dela. O colega que ela mal conseguia suportar.

Ela achava que precisava de alguém para acompanhá-la no casamento? Bem, esse alguém seria eu. Eu colocaria fogo em toda a cidade de Nova York antes de deixar que outro homem fosse com ela.

– Estou falando sério – insisti.

E estava. Na verdade, acho que nunca tinha falado tão sério na vida.



NOVE

Um terraço na Park Avenue, Nova York

– Vamos dançar.

Estendi a mão, preenchendo o pequeno espaço que havia entre nós.

Catalina ficou boquiaberta observando-a. Mais um segundo e eu teria implorado.

– Isso faz parte do acordo? – perguntou ela.

Franzi a testa, surpreso.

Quando a convidei para o baile beneficente, quando negociei esse gesto que ela poderia fazer por mim, Catalina deve ter imaginado que eu queria que ela fingisse. Que viesse como minha acompanhante de mentira e desempenhasse um papel, como queria que eu fizesse no casamento. Só que esse nunca foi meu plano.

Minha intenção era convidá-la para um encontro de verdade. As palavras

estavam prontas para saltar da minha boca, mas recuei.

Naquele instante me lembrei de uma coisa que havia esquecido durante a noite: ela achava que *nós dois* estávamos fingindo. Ela não sabia que *eu* não estava, que eu queria que aquilo fosse um encontro, não uma farsa, para ela também.

– A gente dançar, quero dizer – explicou ela, me trazendo de volta para a realidade. – É só para fazer de conta, certo?

– Isso – menti, deixando minha mão pairar entre nós. – Só para fazer de conta.

Relutante, ela pegou minha mão e me esforcei para que o alívio profundo que senti não transparecesse em meu rosto. Ela mexia comigo a esse ponto. Era impressionante a facilidade com que ela conseguia me tirar do eixo e cegar meu bom senso com uma coisa tão simples como segurar minha mão.

Eu a puxei atrás de mim, com gentileza e firmeza ao mesmo tempo, envolvendo seus dedos nos meus, sentindo sua pele macia na minha. A determinação de aceitar tudo o que ela estivesse disposta a me oferecer me atravessou. Quando chegamos à pista de dança, parei e me virei, e meus olhos imediatamente se concentraram no rosto dela. Catalina ficou corada. Os olhos grandes e castanhos brilhavam com o mesmo estado de alerta que eu estava sentindo.

Ela está tão abalada quanto eu.

Engoli em seco, me aproximando e fazendo questão de olhar em seus olhos enquanto envolvia sua cintura com os braços. O calor suave de seu corpo, seu perfume doce, a sensação de sua pele em minhas mãos, mesmo através do tecido do vestido azul-escuro deslumbrante, era quase irresistível. Era quase impossível me conter.

Catalina colocou as duas mãos em meu peito, e pressionei meu corpo contra suas palmas pequenas, discretamente invadindo seu espaço. Ela inclinou a cabeça para trás e, só quando já fazia bastante tempo que ela parecia estar prendendo a respiração, a ponto de eu começar a ter medo de que ela desmaiasse, comecei a me mexer. Fui guiando nossa dança, me movendo de um lado para outro, seguindo a batida suave da música, tentando não pensar na perfeição que era sentir Catalina ali, em meus braços.

Ela acompanhou meus passos, rígida e quieta, tão silenciosa que comecei a ficar preocupado. Observei seu rosto, à espera de uma reação, uma palavra, uma de suas piadas. Caramba, eu aceitaria até um comentário sarcástico sobre minha roupa, ou meu cabelo, ou o fato de eu não ter coração. Mas ela ficou… em silêncio. Estava preocupada com alguma coisa. Contando os passos, talvez?

Pegando-a de surpresa, fiz Catalina rodopiar e, de repente, ela começou a tombar para o lado, fugindo do meu alcance. Meus braços a envolveram imediatamente, com firmeza, trazendo-a até meu peito. Até mim.

Coxas, quadril e peito colados nos meus.

A sensação era ardente. Calmante. Abrasadora. Suavizante. Era isso que Catalina era para mim. Emoções poderosas, belas, contraditórias.

– Obrigada – murmurou ela. – E desculpe.

Havia alguma coisa em sua voz, então a abracei com ainda mais firmeza, meu instinto entrando em ação. *Atenção, Blackford.*

– Por precaução.

Catalina resmungou alguma coisa que não entendi e, meu Deus, ela estava tão aérea que senti vontade de rir. Como antes, quando não consegui me segurar. Eu parecia a porcaria de um fio desencapado com Catalina tão perto, e ela ainda me fazia querer rir como um idiota. *Felicidade?* Sim. Essa mulher me deixava feliz só de estar ali, em meus braços, e ela não fazia ideia disso.

Ela mexeu as mãos em meu peito, e deixei escapar um *humm* em resposta.

Meu Deus, T.J. tinha razão. Eu estava perdido. Completamente perdido. Não conseguia enxergar nada além da minha paixão.

Catalina tropeçou mais uma vez, me dando a desculpa perfeita para trazê-la ainda mais para perto. Para me aproximar e falar em seu ouvido.

– Você não devia ser boa nisso, Catalina?

– Como assim?

Eu me aproximei ainda mais, meus lábios quase tocando sua pele.

– Achei que você tivesse nascido sabendo – expliquei. – Que a música corresse nas suas veias.

– É que esse não é meu estilo – respondeu ela prontamente, com um tom de voz diferente. – Ou talvez meu parceiro não seja o mais adequado.

Deixei escapar uma risadinha e, para meu absoluto prazer, o rosto dela ficou ainda mais corado. Ela olhou para mim com um misto de surpresa e curiosidade.

Voltei a aproximar a boca de seu ouvido, ansioso para conseguir mais do que quer que fosse aquilo.

– Você por acaso admitiu que não é boa em alguma coisa? Para mim?

– Eu nunca disse que sou uma dançarina espetacular. Além do mais, essa coisa de nascer sabendo dançar é só um estereótipo. Muitos espanhóis não seriam capazes de acompanhar o ritmo de uma música nem que a vida deles dependesse disso.

– Estou percebendo – murmurei, levando uma das mãos até sua lombar. – Vou continuar conduzindo, então.

Tracei um círculo com meu polegar naquela área e, quando falei novamente, notei meu tom de voz diferente, mais rouco.

– Só para o caso de você fazer parte desse grupo.

Uma lufada suave de ar deixou seus lábios, e senti em minha pele, mesmo através das camadas de tecido que cobriam meu peito.

– Se acha melhor… – disse ela.

Mas suas palavras agora pareciam trêmulas, distraídas. E me diziam o que eu precisava saber. Fui eu, meus braços a envolvendo, a proximidade de nossos corpos, que a tinha feito tropeçar. Meu sangue ferveu.

Quando ela voltou a falar, foi apenas um sussurro.

– Eu não fazia ideia que você sabia dançar.

Engoli em seco, me esforçando para manter a compostura, tentando não dizer o que estava em minha mente. *Você pode saber tudo sobre mim, se me deixar mostrar.*

– Tem algumas coisas sobre mim que você não sabe, Catalina.



DEZENOVE

Em algum lugar no norte da Espanha…

Catalina abriu a gaveta da cômoda com tudo. Ela estava ali, de pijama, com as roupas que tinha tirado embaixo do braço, olhando para o que havia dentro da gaveta sem se mexer.

Após alguns segundos, fechou a gaveta.

Contive um suspiro.

Ela estava assustada, e eu a conhecia bem o bastante para saber o motivo. Não era minha presença no quarto apertado, ou o fato de termos que compartilhar a cama. Era outra coisa.

Eu já a conhecia bem. No fundo, Catalina confiava em mim para estar ali com ela. Sabia que estava segura comigo, que não estaria segura em nenhum outro lugar, com mais ninguém, por mais que ela não quisesse admitir. Eu via isso em seu rosto quando a tocava, ou no modo como o corpo dela reagia

quando eu me aproximava. Estava claro como o dia que parte dela já tinha se rendido e confiava em mim – e, meu Deus, isso me fazia querer uivar para o céu, triunfante. Me fazia querer jogá-la em cima do ombro e sair correndo para longe de tudo e de todos. Era isso que aquela mulher fazia comigo. Mas eu não podia agir assim. Não quando alguma coisa a fazia recuar sempre que avançávamos um passo. Catalina ainda estava escondendo alguma coisa de mim, e eu seria capaz de apostar que essa coisa tinha tudo a ver com seu ex. Por isso ela se continha quando sentia que estava se abrindo demais para mim. Quando via como era boa a sensação de estarmos juntos.

Incapaz de me conter, me aproximei por trás e acariciei seu braço.

Ela respirou fundo bruscamente ao sentir meu toque. A eletricidade pulsava através da minha mão.

– O que foi? – perguntei, tentando distraí-la dos próprios pensamentos.

Fora de controle, meus dedos percorreram toda a extensão de seu braço.

– Você está inquieta.

– Nada. Está tudo bem – respondeu ela. Mas eu sabia que era mentira. – Estou… tranquila.

Mais uma mentira.

Esperei um, dois, três, dez segundos, querendo, torcendo para que ela se abrisse, exercitando aquela paciência que eu vinha praticando há tantos meses. Mas nada foi capaz de me preparar para aquela mulher linda e complexa que eu desejava tanto que chegava a doer. Então, como ela não se virou, como ela sequer olhou para mim, tirei a mão e dei um passo para trás.

– Eu durmo no chão – falei, tentando disfarçar qualquer emoção em minha voz.

Fiz menção de me afastar, mas, antes que pudesse sair do lugar, Catalina virou e sua mão segurou meu braço. Meu coração comemorou e deu um salto quando ela envolveu meu pulso com os dedos. Aquela maldita eletricidade percorreu meu corpo mais uma vez, só que agora com ainda mais força por causa daquela mão, e senti minha pulsação acelerar sob seu toque, como sempre acontecia. Fiz questão de olhar naqueles olhos castanhos calorosos, esperando encontrar o que eu desejava dela.

– Não.

Naquele sussurro, eu ouvi. O medo. O desejo. A faísca de ousadia daquela garota corajosa que já tinha me ganhado.

– Eu disse que você não precisa fazer isso. Vamos dormir na cama. Nós dois – disse Catalina, engolindo em seco.

Eu fiquei ali, em silêncio, esperando que ela continuasse. Torcendo para que ela continuasse.

– Não estou preocupada com i-isso. Eu só…

Ela hesitou, balançando a cabeça.

Eu sei, amor, era o que eu queria dizer. *Sei que você está com medo, mas não precisa.*

Mas às vezes as palavras não bastam. É preciso agir.

Ela fechou os olhos, como se precisasse de um instante, e quando voltou a erguê-los na minha direção, não havia nem sinal da hesitação de antes. Havia apenas desejo.

Uma surpresa agradável e calorosa percorreu meu corpo.

Catalina queria aquilo, mas não sabia como me dizer. Como chegar lá.

É agora, pensei. Um daqueles momentos na vida em que a estrada se divide em dois caminhos possíveis. Eu poderia me afastar e deixá-la com seus pensamentos, deixar que aquelas palavras que estavam na ponta da língua dela ficassem não ditas e continuar esperando. Ou poderia fazer o contrário. Poderia me aproximar, fazer com que verbalizasse o que não conseguia se convencer a dizer.

Demorei apenas um segundo para decidir.

– Me fala o que está passando nessa sua cabeça; pode confiar em mim – Cheguei mais perto porque precisava tocá-la, e segurei seu rosto. – Me deixa te mostrar que você pode confiar em mim.

Ela olhou nos meus olhos, e vi bem ali, naquele rosto radiante, reluzente, aquela confiança que fazia com que eu me sentisse invencível.

Catalina inclinou a cabeça, entregando-se ao meu toque, e nunca vou entender como consegui me conter e não beijar sua boca bem naquele momento.

– Não sei como fazer isso – sussurrou ela.

Talvez fosse aquele desejo poderoso de colar meus lábios nos dela, a

ideia do beijo pelo qual eu seria capaz de incendiar cidades, mas alguma coisa dentro de mim mudou. *Ações*. *Preciso mostrar para ela*. Antes que eu me desse conta do que estava fazendo, peguei as roupas das mãos dela e joguei tudo em algum lugar atrás de mim. Antes que eu me desse conta do que estava acontecendo, invadi o espaço pessoal dela e tomei aquela mulher para mim.

– Feche os olhos – falei, incapaz de esconder a urgência que estava sentindo.

Ela fechou os olhos imediatamente, sem hesitar, e aquela sensação poderosa e conhecida de satisfação cresceu dentro de mim.

Precisei esperar alguns segundos para conseguir me controlar. Para não jogar a prudência pela janela de uma vez por todas e estragar tudo.

– Eu já te disse que sou paciente – falei, mais para mim do que para ela. – Que não tenho medo de dar duro pelo que quero.

Nenhuma parte de nossos corpos estava se tocando e foi preciso muito autocontrole para ficar ali, minha boca tão perto, mas sem tocar sua pele macia da orelha.

Para não perder o foco, voltei a falar.

– Talvez eu não tenha sido totalmente sincero.

Catalina inclinou o corpo para a frente, gravitando em minha direção. Os lábios abertos, a respiração saindo trêmula, e naquele momento eu soube, simplesmente soube, que se não a tocasse ela mesma se aproximaria para fazer isso.

Então cheguei bem perto e meus lábios finalmente tocaram a pele quente embaixo de sua orelha. Sentir o arrepio que percorreu Catalina da cabeça aos pés me encheu de orgulho. Que privilégio.

– Está ficando muito difícil esperar – confessei, encostando os lábios mais uma vez naquele pedaço de pele, enquanto ela ainda estava com os olhos fechados. – Você está quase me fazendo enlouquecer.

Catalina soltou um gemido, mas notei que ela nem percebeu.

Cheguei ainda mais perto, rindo da situação embora não tivesse graça nenhuma. Eu estava totalmente perdido naquela mulher. Totalmente… indefeso.

– Mas eu sou um homem de palavra – completei enfim, encostando os lábios no pescoço dela.

Catalina prendeu a respiração. Fui subindo a outra mão pelo braço dela até chegar à bochecha, e então segurei seu rosto com as duas mãos, como eu tinha feito antes.

– Você quer que eu me afaste? – perguntei, meu polegar acariciando seu queixo de leve, meu toque implorando que ela dissesse que não.

Ela balançou a cabeça.

Soltei um *humm* rouco.

– Então você quer que eu te toque...

Ela não respondeu dessa vez, mas não precisava. Eu sabia ler aquela mulher como se ela fosse um livro aberto.

– Ótimo.

Deslizei os dedos pelo pescoço dela, incapaz de não tocá-la em todos os lugares que pudesse. Só parei quando cheguei ao decote do pijama.

– Aaron… – sussurrou ela.

Estou te ouvindo, amor, era o que meu toque dizia, meus dedos roçando em sua pele. Aquilo era o bastante para enlouquecer nós dois um pouco mais, mas não a ponto de perdermos totalmente a cabeça. Eu queria ir com calma. Desenhei um círculo com o polegar na altura da clavícula dela e cheguei o rosto perto de sua nuca.

– Aaron…

Algo na voz dela me fez parar. Prendi o ar.

– O que estamos fazendo? – perguntou ela, antes de soltar um suspiro longo e entrecortado.

E então eu congelei, virei pedra. *Não faz isso, Catalina.*

– Ainda estamos… fingindo? Isso aqui é só uma encenação?

E todo o ar pareceu deixar meus pulmões em um suspiro silencioso.

Fingindo. Praticando. Ela não estava pronta. Ainda não. Perceber isso foi como se alguém tivesse pegado meu coração e corrido com ele, mas ao mesmo tempo eu entendi. Teríamos mais tempo. Eu arranjaria mais tempo por mais que cada segundo de espera me partisse ao meio.

– Vai fazer você se sentir melhor? – perguntei. – Eu finjo um pouco mais

se é disso que você precisa.

Eu faço tudo que você quiser.

– Vai… – respondeu ela prontamente, e ali estava de novo.

O desejo. O incentivo do qual eu não precisava já que ela estava me obrigando a esperar mais.

Encostei minha boca em sua pele outra vez, retomando o que tinha começado. O suspiro profundo que ela emitiu fez minha pulsação acelerar a um ritmo selvagem, inconsequente, me levando para mais perto, incentivando minha boca a deslizar ao longo de seu queixo, querendo mais dela. Querendo tudo.

– Acho que eu seria incapaz de negar qualquer pedido seu, Catalina – falei, o pensamento me escapando antes que eu pudesse impedir.

Ela gemeu baixinho, o som se libertando quando o autocontrole dela se rompeu. Parei a boca em seu pescoço, beijei, e vi que suas pálpebras tremeram.

– Não. Não abra os olhos ainda.

Ela não abriu.

– Boa garota – falei, sem reconhecer minha própria voz. – Fique de olhos fechados.

Depositei mais um beijo, como recompensa.

– Vamos jogar este jogo só mais um pouquinho…

E com essas palavras o corpo dela ganhou vida, liberando alguma coisa dentro de mim.

– E pelo bem da encenação…

A mão que estava no rosto dela desceu por cima da roupa, gananciosa. Então parei na altura da cintura e a segurei com mais firmeza.

– Posso te mostrar exatamente como seria.

Agarrei o tecido da camiseta – precisei me segurar para não rasgá-la – e voltei a pressionar sua cintura.

– Se você fosse *mesmo* minha – falei –, eu faria isso o tempo todo.

Envolvi Catalina pela cintura e a puxei para mim. Nossos quadris estabeleceram um contato feliz e ardente.

– Se fosse minha – falei, unindo nossos corpos, fazendo-os se tocarem

totalmente, por puro desespero –, você desejaria isso. Você ia gostar disso. Ia querer isso.

Ela abriu os lábios, ficou corada e passou a respirar muito rápido. Essa reação rompeu meu último fio de autocontrole.

Em um movimento rápido, avancei sobre ela e mudei nossa posição, empurrando-a contra o armário.

– Se eu fosse seu – falei em seu ouvido, sentindo aquele corpo pequeno e macio deliciosamente pressionado contra o meu –, não seria capaz de fazer nada sem tocar você. Não conseguiria passar nem cinco minutos sem fazer isso.

Apertei a cintura dela com mais firmeza, o polegar deslizando por baixo da camiseta. A pele de Catalina era quente, macia, e meu toque era insaciável, ávido.

– Ou isso.

Eu me aproximei ainda mais e impulsionei o quadril contra o dela.

Catalina gemeu.

O meu gemido ficou preso na garganta.

Ela era tão deliciosa. Tão calorosa. Tão perfeita.

Merda.

Merda, merda, merda.

Aquele polegar embaixo da camiseta subiu para a cintura, levando o tecido junto.

Suspiramos ao mesmo tempo, trêmulos, e pressionei os lábios na testa dela para não beijá-la.

O problema é que aqueles lábios, aquela boca, me chamavam...

Fui deslizando a boca pela lateral do rosto dela, desesperado, e quando fiquei de frente para ela, observei seus olhos. *Esses olhos lindos e espertos que me dizem tanto quando ela não diz nada.* Continuei descendo, parando em seu nariz. *Esse narizinho que ela enruga sem perceber quando escuta alguma coisa idiota.* Segui para a bochecha direita. A esquerda. Bochechas que ficavam levemente rosadas quando eu me aproximava demais. O queixo. A mandíbula.

Rocei os lábios em sua pele corada, me perguntando qual seria seu sabor,

qual seria a sensação dela em minha língua.

Até que cheguei à boca.

Mantive a cabeça imóvel e, meus Deus, tive certeza de que morreria se não beijasse Catalina naquele momento. Se ela não fosse minha. Se eu não demonstrasse que estava completamente perdido por ela. Que já era dela. Que éramos ótimos juntos. Que aquilo tudo não era só fingimento. Era real.

Como se instigada pelo mesmo pensamento, Catalina estendeu a mão, envolvendo meu braço, e o toque me virou do avesso.

Ela cravou as unhas na minha pele, e emiti um gemido gutural, urgente. Um desejo puro me fez chegar ainda mais perto dela, meu corpo inteiro latejando, pulsando, implorando por Catalina.

– Lina – sussurrei. Implorei. Alertei. – Eu vou beijar você…

Abaixei a cabeça. Não havia nenhum pensamento em minha mente que não fosse ela. Toquei seus lábios com os meus, bem de leve, e fogos de artifício explodiram dentro de mim, me partindo ao meio, me deixando sem ar.

Seus lábios se moveram contra os meus.

– Por favor, Aar…

Uma porta bateu em algum lugar e eu…

Eu me afastei, atingido por uma onda fria e pesada. Bom senso.

As palavras que ela tinha dito antes ecoaram em minha cabeça.

Estamos fingindo?

Será que ela ainda achava isso?

– Você me chamou de Lina – sussurrou ela, e só então percebi que minha cabeça tinha caído e minha testa estava encostada na dela. – Você nunca me chama de Lina. Só aconteceu uma vez.

Meu corpo inteiro estremeceu de desejo. Mas não me mexi. Eu não podia. Não ainda.

– Ah, meu Deus – disse ela depois de alguns segundos. – Que barulho foi esse?

Levantei a cabeça e analisei seu rosto. Caramba, eu queria tanto beijar aquela mulher. Mas não ia fazer isso. Não quando ela podia se esconder por trás da farsa que estávamos representando.

– Sua prima, espero.

Dei um passo para trás, me obrigando a me afastar dela, odiando cada segundo dessa ruptura.

– Vou lá olhar – falei, já me virando.

Mas a cada passo parecia que meus pés eram feitos de chumbo. Caminhar era exaustivo. Impossível. Olhei por cima do ombro e disse:

– Catalina.

Chega. Chega de joguinhos.

– Estou feliz por não ter beijado você.

Ela arregalou os olhos.

– Por quê?

Como Catalina tinha me aberto ao meio, só a verdade saiu.

– Porque quando eu finalmente beijar a sua boca, não vai ter nada de farsa. Não vou estar demonstrando como seria se você fosse minha, porque você já vai ser. E com certeza não vou estar demonstrando como seria bom se você acreditasse que também sou seu. Você já vai saber disso.

E como eu não me contentaria com meias verdades, como eu já tinha esperado bastante e queria Catalina por inteiro, acrescentei:

– Quando eu finalmente beijar você, você não vai ter dúvida nenhuma de que é real.

Leia um trecho do próximo livro de Elena Armas

UM EXPERIMENTO DE AMOR EM NOVA YORK



UM

Rosie

Alguém estava tentando invadir meu apartamento.

Tá. Tecnicamente, não era *meu* apartamento, era o apartamento onde eu estava passando um tempo. Mas isso não muda nada. Porque se eu aprendi alguma coisa morando em alguns bairros questionáveis de Nova York foi que, se a pessoa não bate, ela não está muito interessada em pedir autorização para entrar.

Evidência número um: o barulho insistente na porta – que felizmente estava trancada.

Quando o barulho parou, eu finalmente soltei todo o ar que estava segurando.

Com o olhar fixo na fechadura, esperei.

Tudo bem. Talvez eu estivesse enganada. Talvez fosse um vizinho que

errou o apartamento. Ou talvez a pessoa que estava ali ia mesmo bater e…

Fui surpreendida por outro barulho, que parecia alguém batendo na porta com o ombro, e saltei para trás.

Não.

Não bateram. Provavelmente também não era um vizinho.

Minha respiração ficou mais rápida, o oxigênio mal chegando ao destino. Mas, droga, eu não podia culpar meus pulmões. Não podia nem culpar meu cérebro por não ser capaz de realizar funções básicas como respirar depois do dia que eu tive.

Algumas horas antes, o que tinha sido meu apartamento lindo e bem arrumado pelos últimos cinco anos quase desabou na minha cabeça. Literalmente. E não estou falando de uma rachadura no teto e uma poeirinha caindo.

Parte do teto cedeu. *Caiu*. Bem diante dos meus olhos. Quase em cima de mim. Criando um buraco grande o bastante para me presentear com uma visão clara das partes íntimas do meu vizinho, o Sr. Brown, olhando para mim lá de cima. E permitindo que eu descobrisse algo que nunca precisei nem quis saber: meu vizinho de meia-idade não usa nada embaixo do roupão. Nadinha.

Uma visão tão traumatizante quanto quase ser nocauteada por um pedaço de cimento a caminho do sofá.

E agora isso. A invasão. Depois que eu me recompus o suficiente para pegar minhas coisas – sob o escrutínio atento e as… partes íntimas e pendentes... do Sr. Brown – e ir até o único lugar em que consegui pensar, dadas as circunstâncias, agora alguém estava tentando entrar à força.

Ouvi algo que pareceu um palavrão em alguma língua estrangeira, e de novo o barulho na fechadura.

Ah, merda.

Entre todos os apartamentos de uma cidade gigantesca como Nova York, tinham que querer arrombar logo a *minha* porta?

Girando na ponta dos pés, me afastei da porta do estúdio para onde eu tinha fugido em busca de abrigo e deixei meu olhar percorrer aquele lugar familiar, analisando minhas opções.

Graças à planta aberta do apartamento, não havia nenhum esconderijo decente. O único cômodo que tinha porta, o banheiro, não tinha nem tranca. Também não havia nenhum objeto que pudesse ser usado como arma, exceto um castiçal torto de argila, resultado de um projeto “faça você mesmo” em um domingo preguiçoso, e uma luminária de chão estilo boho que me pareceu meio frágil. Fugir pela janela também não era uma opção, uma vez que eu estava no segundo andar e não havia escada de incêndio.

Os palavrões de frustração estavam ficando mais nítidos. A voz era grave, musical, e as palavras que eu não reconhecia nem entendia vieram acompanhadas de uma bufada bem alta.

Com o coração acelerado, levei as mãos à cabeça tentando conter o pânico crescente.

Podia ser pior, pensei. *A pessoa que está lá fora claramente não é muito boa em arrombamentos. E não sabe que eu estou aqui dentro. Até onde ela sabe, o apartamento está vazio. Isso me garante…*

Meu celular apitou com uma notificação, o som alto e agudo rompendo o silêncio.

E entregando minha presença.

Merda.

Tremendo, voei até o aparelho, que estava na ilha da cozinha. Eu não devia estar a mais de três ou quatro passos de distância. Mas meu cérebro, que ainda estava com dificuldade para realizar funções básicas, como dar três ou quatro passos, calculou mal a distância, e bati o quadril em uma banqueta.

– Não, não, não. – Ouvi essas palavras saírem da minha boca como um choramingo, e estendi uma das mãos.

Sem sucesso. Porque…

A banqueta caiu no chão.

Fechei os olhos. Parecia que meu cérebro estava tentando ao menos me poupar de ver a confusão que eu estava aprontando.

Um silêncio seguiu o estouro, preenchendo o lugar com uma sensação de calma que eu sabia que era falsa.

Abri um dos olhos, espiando na direção da porta.

Talvez isso fosse bom. Talvez tivesse assustado… o ladrão? Os ladrões?

– Olá? – chamou a voz grave do outro lado da porta. – Tem alguém em casa?

Droga.

Ajeitando os ombros, virei bem devagar. Ainda existia uma chance de…

O toque que eu tinha configurado para aquele aplicativo motivacional ridículo que baixei mais cedo ecoou pelo apartamento uma segunda vez

Meu Deus. Alguém estava mesmo querendo acertar as contas comigo hoje. Carma, sina, fortuna, sorte ou alguma entidade todo-poderosa que eu claramente tinha irritado.

Talvez até Murphy e sua lei idiota.

Finalmente peguei o celular para colocar aquela coisa idiota no silencioso.

Sem querer, meus olhos leram a frase supostamente motivacional na tela: “Se a oportunidade não bater, construa uma porta.”

– Sério mesmo? – me escutei sussurrar.

– Eu ouvi isso, sabia? – disse o invasor. – O celular, a batida e o celular de novo. – Uma pausa. – Você… está bem?

Franzi o cenho. Para um possível invasor, ele era bem atencioso.

Ele insistiu.

– Eu sei que tem alguém aí dentro. Estou ouvindo a sua respiração.

Soltei uma arfada de indignação. Eu *não* respirava alto.

– Olha só – disse ele, com uma risadinha. Uma *risadinha*. Ele estava rindo? Às minhas custas? – Eu só…

– Não, olha só você – deixei escapar finalmente, ouvindo minha voz irregular. – Não sei o que você está fazendo, e também não quero saber. Eu… eu… – Eu estava ali como uma idiota, sem fazer nada. E isso não podia ficar assim. – Eu vou chamar a polícia.

– *A polícia?*

– Isso mesmo. – Desbloqueei o celular com os dedos trêmulos. Já estava cheia daquela… situação. Inferno, eu estava cheia daquele *dia*. – Você tem só alguns minutos para ir embora antes que eles cheguem. Tem uma delegacia na esquina. – Não tinha, e eu estava torcendo para que ele não

soubesse disso. – Então eu, se fosse você, fugiria agora.

Dei um passinho minúsculo e hesitante em direção à porta, então parei para ouvir sua reação. Com sorte, seria o som de seus passos em fuga.

Mas não escutei nada.

– Você está me ouvindo? – perguntei, e endureci a voz antes de continuar. – Eu tenho amigos na polícia. – Não tinha. O mais próximo de um policial que eu conhecia era meu tio Al, segurança de uma empresa na Quinta Avenida. Mas isso não pareceu impressionar o invasor, porque o silêncio continuou. – Então tá. Eu avisei. Estou ligando, você é quem sabe, seu… *invasor de uma figa!*

– *Quê?*

Ignorando minha escolha infeliz e nada ameaçadora de palavras, coloquei o celular no viva-voz e em alguns segundos a pergunta feita pelo atendente preencheu o apartamento:

– Qual é a sua emergência?

– Oi. – Pigarreei. – Alô. Tem… tem alguém invadindo o apartamento onde eu estou.

– *Espera*, você ligou mesmo? – gritou o invasor. Então, disse: – Ah, entendi. – E deu mais uma risadinha. *Mais*. *Uma*. *Risadinha*. Ele estava achando engraçado? – É uma piada.

A indignação encheu meu peito.

– Uma *piada*?

– Alô? – chamou a voz ao telefone. – Senhora? Se isso é uma emergência…

– Ah, é, sim – respondi imediatamente. – Como eu estava dizendo, estou ligando por causa de uma invasão.

O sujeito falou antes do atendente:

– Eu estou no corredor. Como posso estar invadindo o apartamento? Eu nem consegui entrar.

Agora que ele estava emitindo mais que duas palavras por vez, ouvi o sotaque com mais clareza. O modo como ele pronunciava certas palavras era familiar e fez soar um alarme na minha cabeça. Mas eu não tinha tempo nem energia para alarmes naquele momento.

– *Tentando invadir* – corrigi.

– Certo, senhora – respondeu o atendente. – Preciso do seu nome e do seu endereço.

– Já entendi – disse o invasor, tão alto que eu dei um passo para trás. – É uma pegadinha dessas de programa de TV. Já vi esse tipo de brincadeira na TV lá no meu país. Como é mesmo o nome daquele cara? Um que é apresentador. Que tem o cabelo bonito. – Uma pausa. – Bom, não importa. – Mais uma pausa. – Você me pegou! Essa foi boa. Olha só, estou morrendo de rir – acrescentou ele antes de dar uma gargalhada que quase fez o celular despencar da minha mão. – Agora você pode, por favor, abrir a porta e parar com isso? Já passa da meia-noite e eu estou exausto. – O bom humor desapareceu de sua voz. – Diz a ela que foi hilário. Vamos lembrar disso pra sempre como a melhor pegadinha da história.

Diga a ela?

Ela quem?

Franzindo o cenho, falei baixinho no telefone:

– Você ouviu isso? Acho que talvez ele seja louco.

– *Louco*? – zombou o invasor. – Não sou louco, só estou… cansado.

Alguma coisa caiu no chão do outro lado da porta e eu rezei para que não fosse ele, porque eu não estava a fim de ainda ter que lidar com um homem inconsciente.

– Eu ouvi – disse o atendente. – E, senhora, eu…

– Será que eu estou na porta errada ou algo do tipo? – interrompeu o invasor.

Na porta… errada?

Isso chamou minha atenção.

– *Senhora* – chamou o atendente. – Seu nome e endereço, por favor.

– Rosie – respondi rápido. – Meu nome é Rosalyn Graham e… Bom, na verdade esse endereço não é meu. Estou na casa da minha melhor amiga. Ela está viajando no momento, e eu precisava… de um lugar para ficar. Mas eu não invadi o apartamento, obviamente. Eu tenho a chave.

– Eu também tenho a chave – disse o invasor.

Mais um alarme soou em minha cabeça.

– Impossível. – Fiz uma careta olhando para a porta. – Eu tenho a única chave extra.

– Sra. Graham. – A voz do atendente tinha um quê de irritação. – Quero que a senhora pare de interagir com o indivíduo à porta e me diga sua localização. Vamos mandar uma unidade para dar uma olhada.

Minha boca se abriu, mas antes que as palavras saíssem, o invasor voltou a falar.

– Ela se superou mesmo.

Ela. De novo aquele *ela*.

Por um tempo, nenhum de nós falou. Então, o silêncio foi rompido por um barulho forte. Parecia muito que ele tinha acabado de se agachar se escorando na porta, derrotado.

– *Ela?* – perguntei finalmente, ignorando o "Sra. Graham?" vindo do celular.

– É – respondeu o invasor, simplesmente. – Minha priminha muito engraçada e criativa.

Minha respiração congelou em algum lugar entre o pulmão e a boca.

Priminha.

Ela.

O sotaque forte do invasor que era tão familiar.

A única explicação possível tomou forma em minha cabeça.

Eu tinha mesmo…

Não. Eu não podia ser tão idiota assim.

– Sra. Graham? – Ouvi mais uma vez a voz vindo do celular. – Se não é uma emergência…

– Desculpe, eu… – Fechei os olhos. – Eu volto a ligar se… precisar. Obrigada.

Priminha.

Ah, meu Deus. Ah, não. Se era mesmo um dos primos da Lina, eu tinha acabado de fazer uma besteira. Das grandes.

Desliguei, coloquei o celular no bolso de trás da calça e me obriguei a respirar fundo, esperando que o oxigênio chegasse a meus neurônios claramente defeituosos.

– Quem é sua prima? – perguntei, embora já tivesse quase certeza de que sabia a resposta.

– A Catalina.

Pronto. Eu tinha feito uma besteira. Mesmo assim, como ainda estávamos em Nova York e eu já tinha lidado com uma boa dose de pessoas estranhas e situações mais estranhas ainda, acrescentei:

– Vou precisar de mais informações. Você pode ter visto o nome na caixa de correspondência.

Ouvi um suspiro longo e alto do outro lado da porta de madeira que nos separava, o que fez meu estômago, que já estava embrulhado, se contorcer.

– Desculpa – deixei escapar, incapaz de me conter. Porque eu estava *mesmo* arrependida. – Só estou tentando ter certeza que…

– Que eu não sou um louco – respondeu o invasor antes que eu pudesse terminar o pedido de desculpas. – Catalina Martín. Data de nascimento, 22 de novembro. Cabelo castanho, olhos castanhos, risada escandalosa. – Meus olhos voltaram a se fechar, o embrulho no estômago subindo para a garganta. – Ela é baixinha, mas se te der um chute entre as pernas, vai te deixar sem fôlego. Sei disso por experiência própria. – Uma breve pausa. – O que mais? Vamos ver… Ah, ela odeia cobras ou qualquer coisa que lembre uma. Mesmo que sejam só umas meias costuradas e preenchidas com papel higiênico. Ardiloso, né? Bom, foi isso que levou ao chute entre as pernas. Então acho que quem se deu mal fui eu.

É.

Eu tinha feito uma besteira. Bem grande.

Enorme, enorme, enorme.

E estava me sentindo muito mal. Péssima.

Tanto que nem consegui interrompê-lo e impedir que continuasse.

– Ela está passando umas semanas fora. Curtindo a lua de mel em… era no Peru? – Ele esperou que eu confirmasse, mas não respondi. Estava sem palavras. Mortificada. – O nome do sortudo é Aaron. Um cara alto e ameaçador pelas fotos que eu vi.

Espera. Isso queria dizer que…

– Não nos conhecemos pessoalmente. Ainda.

Ele *ainda* não tinha conhecido Aaron?

Eu…

Não. Não, não, não. Aquilo não podia estar acontecendo.

Então, ele disse:

– Não tive o prazer de ir ao casamento.

Confirmando que aquilo estava, sim, acontecendo. E de repente o choque e a vergonha que eu tinha sentido antes não chegavam nem aos pés do que eu estava sentindo agora.

Porque aquele homem não era um invasor qualquer, ou um louco que por acaso tinha ido parar no apartamento da minha melhor amiga.

Aquele homem que tinha me levado a chamar a polícia era parente da Lina.

E não era só isso. *Não.* Ele era *o* primo que ainda não tinha conhecido Aaron.

A única pessoa daquela longa lista de parentes espanhóis da Lina que não tinha ido ao casamento.

Só podia ser *ele*.

– Fiquei sabendo que foi uma festa e tanto – continuou ele. E foi como um golpe físico no meu peito. – Uma pena eu ter perdido.

Sem saber exatamente como, percebi que eu estava segurando a maçaneta. Como se as palavras dele – a percepção de que era *ele* – tivessem me levado até ali e feito com que os dedos da minha mão livre a agarrassem com força.

Não é possível que seja ele, disse uma voz na minha cabeça. *Eu não posso ser tão azarada assim.*

Mas era. Eu sabia que era. E a sina, a fortuna, a sorte ou qualquer força encarregada de decidir meu destino tinha feito as malas e me abandonado.

Porque aquele homem era o primo que eu esperava, secretamente, que estivesse no casamento. O único que me fazia ter um frio na barriga danado só de pensar em encontrá-lo. Em receber aqueles dois beijinhos obrigatórios no rosto. Em trocar gentilezas. Em, quem sabe, dançar com ele. Em aparecer na frente dele com aquele vestido de madrinha. Em finalmente vê-lo na minha frente.

Nas possibilidades.

Meus dedos se mexeram e a porta destrancou com um *clique*.

Com o coração acelerado de pensar que era *mesmo* ele, segurei a maçaneta. Ansiosa, ávida, a esperança fechando minha garganta. Toda a loucura que minha cabeça tinha imaginado naqueles meses anteriores ao casamento misturada às novas emoções causadas pela besteira que eu tinha acabado de fazer. Ansiedade misturada com culpa. Vergonha com entusiasmo.

Com o coração martelando, abri a porta e…

Algo caiu aos meus pés.

Olhei para baixo e imediatamente vi o que era.

Ele estava deitado de barriga para cima. Devia estar apoiado na porta e caiu para trás quando a abri.

O ar mal parecia entrar em meus pulmões enquanto eu olhava aquela cabeça com cachos castanhos tombada. Não combinava com a imagem nítida em minha memória. No caso, minha memória era a captura de tela que eu guardava em segredo.

Eu só o conhecia de cabelo bem curtinho.

– É você mesmo – me ouvi murmurar ao olhar para ele. – Você está mesmo aqui. E seu cabelo está diferente. Mais comprido e…

Fechei a boca, sentindo um rubor intenso se espalhar pelas minhas bochechas.

O lindo rosto que eu apreciava pela tela do celular mais vezes do que gostaria de admitir se contorceu em uma expressão confusa. Mas, com a mesma rapidez, os olhos castanho-escuros brilharam com um sorriso.

– A gente… a gente se conhece?

– Não – respondi rápido. – Claro que não. Eu quis dizer que você é diferente do que eu esperava. Sabe, pela sua voz. Só isso. – Balancei a cabeça. – E eu… *meu Deus*. Me desculpa. Por tudo isso. Eu só…

Você só o quê, Rosie?

O rubor tinha se espalhado até a ponta das minhas orelhas, e pensei que, se o chão se abrisse naquele instante e me engolisse – algo que eu sabia que não era tão improvável assim –, eu iria feliz.

– Me desculpe mesmo – falei em voz baixa. – Posso te ajudar? Por favor.

Mas *ele* – o homem que nem sabia que eu existia, mas cujo rosto eu era capaz de evocar em minha mente sempre que fechava os olhos – não deu nenhuma demonstração de estar com pressa de se levantar. Em vez disso, seu olhar inspecionou meu rosto, devagar, como se eu é que tivesse surgido do nada e caído a seus pés.

E, quando eu achei que tinha me recomposto o bastante para dizer mais alguma coisa – com sorte, minimamente inteligente –, seus lábios se estenderam. A expressão de confusão se dissolveu, dando lugar a um sorriso, e quaisquer palavras que tivessem conseguido chegar até minha boca despencaram de volta.

Porque ele estava sorrindo. E era um sorriso largo, luminoso e, para falar a verdade, lindo de um jeito tão descarado que deixa a gente sem nem saber direito o que fazer.

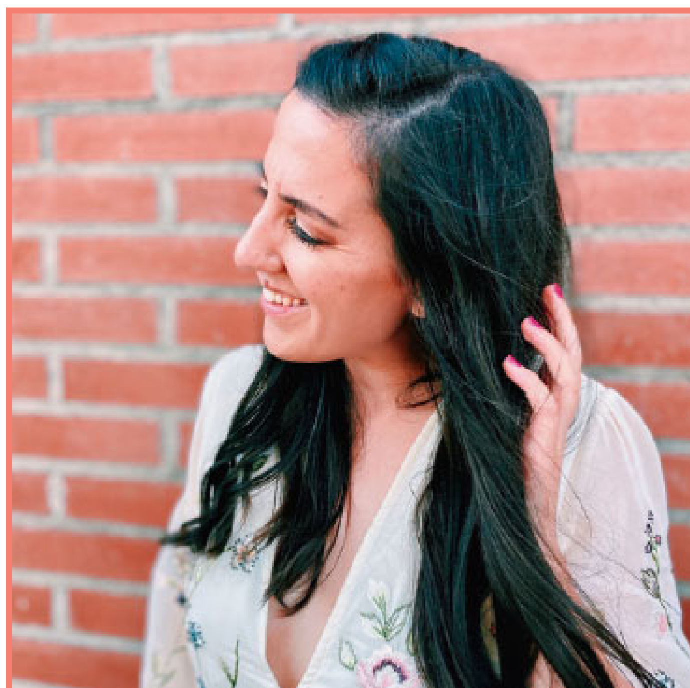
Mais lindo ainda que o sorriso daquela única captura de tela que eu tinha me permitido guardar e talvez ainda olhasse de vez em quando.

– Nesse caso – disse ele, ainda com aquele sorriso ensolarado e de ponta-cabeça –, já que não nos conhecemos: oi. Meu nome é Lucas Martín. Sou primo da Lina.

Sim.

Eu sabia disso. Eu sabia exatamente quem ele era. Ele nem imaginava o quanto eu sabia.

SOBRE A AUTORA



ELENA ARMAS nasceu na Espanha e se declara uma romântica incurável e uma orgulhosa acumuladora de livros. Depois de anos devorando histórias e postando sobre elas em seu Instagram, finalmente tomou coragem e começou a escrever.

Uma farsa de amor na Espanha é seu primeiro livro e já teve os direitos vendidos para mais de 20 países.

@thebibliotheque

 @elenaarmasbooks

 www.authorelenaarmas.com

 @thebibliotheque

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



SUMÁRIO

Um

Nove

Dezenove

Sobre a autora

Sobre a Arqueiro